

## Estudo Correlacional entre *Locus* de Controle e Valores Humanos

*Sheyla Christine Santos Fernandes*

*Saulo Santos Menezes Almeida*

Universidade Federal de Sergipe

### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo central analisar as relações entre *locus* de controle e valores. Participaram 355 universitários de Sergipe, a maioria do sexo feminino (62,8%) e solteiros (80%), com média de idade de 25,68 anos (amplitude de 17 a 56 anos). Os estudantes responderam à escala de *locus* de controle de Reyes e a escala de valores de Schwartz. Os resultados indicaram ser os instrumentos aptos a mensurar o proposto pelo objetivo, apresentando índices psicométricos satisfatórios. O *locus* de controle foi analisado a partir de dois fatores, *locus* de controle interno e externo e os valores a partir de quatro indicadores, valores de autotranscendência, autopromoção, abertura à mudança e conservação. Foram evidenciadas correlações parciais entre as variáveis. As conclusões discorrem sobre a inter-relação entre as variáveis cognitivas e psicossociais, trazendo à tona uma discussão acerca dos níveis de compatibilidade e conflito presentes nas variáveis desta ordem.

*Palavras-chave:* locus de controle; valores humanos; inter-relações.

### ABSTRACT

#### Correlational Study Among *Locus* of Control and Human Values

The aim of this study was to analyze the relationship between the locus of control dimensions and the human values dimensions. The participants were 355 university students from Aracaju city, Sergipe (female: 62,8%; single: 80%), with average age of 25,68 years (ranging from 17 to 56 years). The students answered the Reyes locus of control scale and Schwartz values scale. The results indicate that the instruments were adequate to measure the purpose of the objectives, presenting satisfactory measuring conditions. The locus of control was analyzed as two factors, internal and external and the values in four factors, auto-transcendence values, auto-promotion values, openness to change values and conservation values. Analyses revealed partial correlations between the variables. The discussion details the inter-relations between the cognitive and psychosocial variables, and the compatibility and conflict levels in the variables.

*Keywords:* locus of control; human values; inter-relations.

Uma variável central na explicação e determinação da conduta humana consiste na expectativa generalizada acerca das responsabilidades das ações que o ser humano realiza (Castillo & Ramirez, 2000). Por isso diversas teorias clássicas foram desenvolvidas no sentido de encontrar que fatores estão associados à maneira pela qual as pessoas atribuem causas aos eventos (Heider, 1944, 1958; Festinger, 1957; Jones & Davis, 1965; Kelley, 1967; Weiner, 1986; todos citados em Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999), teorias estas que, em suma, defendem a observância das associações entre pessoa/situação/fenômeno, num *continuum* de estabilidade e invariâncias de “controlabilidade” e “incontrolabilidade”, como antecedentes e consequentes do julgamento social; acrescentando-se

que o relevo se dá em função da interpretação subjetiva que se faz do evento em tela em detrimento dos resultados *per se* (Weiner, 1983).

Partindo do pressuposto central de que as causas atribuídas aos fenômenos podem emergir de focos internos ou externos e de sua relação, aponta-se a necessidade de se observar os julgamentos das condutas pessoais como construto intimamente ligado ao comportamento social e desempenho pessoal (Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza, 2005; Medeiros, Loureiro, Linhares & Marturano, 2003; Rodrigues & Assmar, 2003). Desta forma, um dos mais interessantes e relevantes traços de personalidade orientadores da conduta dos indivíduos é o *locus* de controle. Rotter (1966, 1990), um dos pioneiros no estudo do *locus* de

controle, o define como um conceito referente às crenças que os indivíduos estabelecem sobre a fonte de controle dos comportamentos ou acontecimentos habituais que ocorrem consigo, ou no ambiente em que estão inseridos, indicando a existência de um controle de reforçamento interno-externo, o qual alude ao grau em que o indivíduo considera que os reforços são contingentes a sua conduta (Campos & Lagunes, 2000; Diaz-Loving & Andrade-Palos, 1984). Obviamente, a maioria das pessoas situa-se entre os dois extremos, formando uma distribuição contínua entre crenças de controle (Castillo & Ramirez, 2000).

Por ser constituído por crenças, o *locus* de controle apresenta profunda sintonia com demais variáveis (Abbad & Meneses, 2004). Uma delas é o controle percebido (Eccles, Wigfield & Schiefele, 1998), que coloca o indivíduo simultaneamente como agente-ator e agente-passivo aos efeitos causados pela sua percepção em relação ao controle de desempenhos, competências e habilidades: aqueles que atribuem seus sucessos a esforços e atributos pessoais tendem a desenvolver mais afetos positivos e melhores expectativas de desempenho; já os que atribuem seus fracassos através de sua inaptidão ou falta de capacidade costumam sentir-se ansiosos, culpados, receosos e apresentam menos rendimentos. Três áreas são afetadas pelo controle percebido: o comportamento, as capacidades cognitivas e as expressões afetivas (Eccles & cols., 1998). Na mesma direção estudos relacionam o senso de autoeficácia à aprendizagem (Medeiros & cols., 2003) e a motivação necessária para obtenção de sucesso na aprendizagem (Guimarães & Burochovitch, 2004), indicando que as dificuldades de aprendizagem aparecem associadas a um baixo senso de autoeficácia, baixa motivação, inaptidão para realização de tarefas, incapacidade de organização e comportamento “desadaptativo”.

Demais estudos, considerando o *locus* de controle especificamente, mostram que os sujeitos que se percebem mais satisfeitos com suas vidas possuem um maior *locus* de controle interno (Alvarez & Noriega, 2000; Parkes, citado em Coronado & Lagunes, 2000), são, portanto, pessoas que atribuem os reforçamentos ou as consequências de seu comportamento às contingências de suas próprias ações e características; assim sendo, vivem mais em função de si, sentem emoções fortes com maior frequência, expressam abertamente suas cognições e conferem um sentido positivo aos problemas. Em muitas investigações também se tem encontrado o *locus* de controle como preditor de diferentes condutas sociais como: conformismo, persuasão e influência social (Lefcourt, citado por Diaz-

Loving & Andrade-Palos, 1984); e relacionados a vários construtos como autoconceito (Diaz-Loving & Andrade-Palos, 1984; La Rosa, 1986), ansiedade (Bandeira et al, 2005), autoritarismo, motivação, inteligência, escolaridade (Garcia, 1980; Pasquali, Alves & Pereira, 1998; Ray, 1980; citados por Castillo & Ramirez, 2000; Reppold & Hutz, 2003; Rodríguez-Rosero, Ferriani & Dela Coleta, 2002) e modos de enfrentamento dos problemas (Coronado, & Lagunes, 2000; Reppold & Hutz, 2003).

Presume-se, diante do exposto, que uma série de variáveis está associada ao *locus* de controle, tendo em vista sua capacidade inquestionável de configurar os conteúdos representacionais inerentes às interpretações e às condutas pessoais. Não obstante, na ampla gama de estudos apresentados, observa-se a escassez concernente à associação entre *locus* de controle e variáveis de ordem psicossocial, trazendo à tona um inevitável interesse em averiguar tal problema.

Analogamente a esta questão, foi encontrado que a cultura influi nas proposições de “controlabilidade” atribuída (Berry, Poortinga, Segal & Dasen, 1995; Matsumoto, citado por Campos & Lagunes, 2000). Atesta-se que em determinadas regiões vigoram a primazia do *locus* de controle interno, como é o caso dos Estados Unidos e de demais países ocidentais, enquanto que nos países orientais, principalmente o Japão, é verificado maior *locus* de controle externo.

A explicação destes achados pode se fazer valer em virtude da valorização de atributos socialmente compartilhados característicos de cada cultura. Valores de cunho individualista são típicos de culturas ocidentais (Ferreira, Assmar, Omar, Delgado, González, Silva, Souza & Cisne, 2002; Gouveia, 2003) e apresentam relação com um maior *locus* de controle interno, devido à crença na responsabilidade social (Jellison & Green, 1981) e na crença do controle sobre eventos e comportamentos (Forgas, Furnham & Frey, 1990), enquanto que as sociedades que aderem a valores coletivistas (Smith & Bond, 1994) apresentam um maior *locus* de controle externo, ressaltando a crença na participação de outros indivíduos e de outros fatores externos a si como responsáveis pelos acontecimentos cotidianos. Alcança-se, desta forma, a necessidade de analisar esta questão, sabendo-se que os princípios valorativos são variáveis de grande relevância na constituição de crenças, atitudes e escolhas (Lima, 1997; Rokeach, 1968, 1973; Schwartz, 1992; Schwartz & Bilsky, 1987).

Rokeach (1968), um dos primeiros responsáveis por um grande avanço na delimitação do conceito e da metodologia de estudo dos valores, afirma que os

valores ocupam posição central na rede cognitiva que fundamenta a organização das pessoas em sociedades, servindo como padrões ou critérios que orientam ações, escolhas, julgamentos, atitudes e explicações sociais, divididos em dois tipos: os valores instrumentais (usados para atingir um fim: alegre, capaz, honesto etc) e os valores terminais (o próprio fim: amor maduro, equilíbrio interior, sabedoria etc).

Numa reformulação da teoria de Rokeach (1968), Schwartz (1992), unindo as características principais dos valores indicadas por este autor com a ideia da “desejabilidade” social dos valores indicada por Kluckhohn (1968), propõem um novo modelo analisado em grande escala através de estudos transculturais, definindo os valores como concepções que o indivíduo possui sobre o desejável, que por serem transituacionais, guiam a forma como os atores sociais selecionam seu comportamento, avaliam pessoas e explicam suas ações (Schwartz, 1996). Desta forma, os valores estão organizados em dez tipos motivacionais: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança e organizam-se em torno de dimensões bipolares que apresentam relações de compatibilidade e conflito: autotranscendência (universalismo e benevolência) *versus* autopromoção (poder e realização); abertura à mudança (autodireção, estimulação e hedonismo) *versus* conservação (segurança, tradição e conformidade). Estes seriam representados por três necessidades básicas e universais na natureza humana: biológicas, de interação social estável e de sobrevivência dos grupos (Schwartz, 1994).

Para avaliar os tipos motivacionais, Schwartz (1992) desenvolveu uma escala (SVS) contendo 56 valores; destes 36 foram retirados da tipologia de Rokeach (1973). A questão básica do instrumento se centrava na concepção dos sujeitos acerca dos princípios guias de suas vidas, como atributos valorativos que deveriam ser hierarquizados. Com efeito, a partir da hierarquização dos valores, defende-se que tanto variáveis cognitivas – por exemplo, estresse (Paschoal & Tamayo, 2005), distúrbios emocionais (Nowicki & Digirolamo, 1989) – como variáveis sociais – comportamento político (Gouveia, França, Da Costa & Camino, 1997; Pereira, Torres & Barros, 2004), preconceito (Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Souza & Jesus, 2004), estejam presentes no sentido de determinar as visões de mundo, as interpretações dos fatos e as formas de comportamento preferíveis.

Em consonância com a discussão ora levantada, busca-se neste artigo investigar as relações existentes entre uma variável tida como individual e cognitiva, o

*locus* de controle, e um construto psicossocial, os valores humanos, através da análise correlacional de suas dimensões em uma amostra de estudantes universitários de uma capital do nordeste brasileiro.

## MÉTODO

### Amostra

Participaram deste estudo 355 estudantes universitários da cidade de Aracaju, Sergipe, sendo 62,8% mulheres e 36,6% homens, com média de idade de 25,68 anos (amplitude 17 a 56 anos). Destes 80% eram solteiros, 15,5% casados e 4,5% em outras situações.

### Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: 1) Escala de *locus* de controle de Reyes (1995), validada na Paraíba por Noriega e cols. (2003), composta por 71 itens, destinada a avaliar a causalidade atribuída pelos sujeitos aos acontecimentos de suas vidas e 2) a Escala de valores humanos de Schwartz (1992), composta por 56 itens, responsável por destacar a hierarquização dos valores como “princípios guia” na vida das pessoas. Ambos os instrumentos possuem, então, sete opções de respostas apresentadas na forma *Likert*, variando de 1 a 7, desde “Discordo totalmente” até “Concordo totalmente”, e o participante deve marcar com um “x” o quadro que melhor represente sua resposta a partir das proposições apresentadas.

### Procedimentos

Os sujeitos foram escolhidos e responderam os questionários em função de sua presença nas salas de aula no momento da coleta de dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar os resultados, inicialmente foi realizada uma análise fatorial dos componentes principais (rotação *Varimax*) da escala de *locus* de controle (Tabela 1), com o objetivo de averiguar a configuração do instrumento. Os resultados apontaram dois fatores, o *locus* de controle interno (LI), representado pelos itens que apresentam explicações dos acontecimentos da vida pautadas em causas internas e o *locus* de controle externo (LE), representado pelos itens concernentes às explicações dos eventos da vida através de causas externas. Pode-se observar que, do modelo validado por Noriega et al. (2003), 26 itens foram excluídos das análises em função da baixa saturação nesta amostra. Para verificar a confiabilidade interna dos fatores foram realizadas análises do alfa de Cronbach.

TABELA 1

Análise dos Componentes Principais da Escala de *Locus* de Controle (Rotação *Varimax*)

Ítems	LE	LI
59-O que tenho conseguido na minha vida tem sido porque tenho sorte	,680	
33-Tenho tido boa sorte por minha boa sorte	,660	
31-Obter um bom trabalho depende da sorte	,647	
60-O êxito que tenho se deve às coincidências da vida	,638	
34-Fazer um bom casamento é uma questão de sorte	,637	
27-Os êxitos que tenho se devem a minha boa sorte	,617	
65-Tenho tido êxito por acaso	,611	
61-Chegar a ter dinheiro suficiente depende do meu destino	,598	
67-As conquistas que tive na vida se devem ao acaso	,586	
47-Tenho boas oportunidades de trabalho por pura sorte	,581	
44-Tenho conseguido namorados(as) porque tenho boa sorte	,565	
24-O que tenho conseguido em minha vida é porque tinha que ser assim	,564	
38-Estou predestinado a me dar bem com as pessoas do sexo oposto	,551	
57-Casar-me com a pessoa certa depende do mandato divino	,516	
40-O destino da minha família é estar unida	,505	
28-Tenho feito boas amizades por acaso	,487	
5-Relaciono-me com as pessoas porque o destino nos colocou no mesmo caminho	,453	
9-Casar-me com a pessoa certa depende do que já está escrito	,439	
58-Tenho conseguido meus, minhas namoradas por acaso	,438	
26-Conservo meus amigos porque Deus assim o quer	,410	
68-Dou-me bem com as pessoas do sexo oposto porque quero que seja assim	,408	
69-Mantenho unida a minha família	,402	,392
71-Entrego-me a Deus para ter um bom trabalho	,349	
15-estou pré-destinado a manter meus amigos	,337	
18-Relaciono-me com as pessoas por interesse delas		
46-Tenho que ganhar na loteria pra poder ter bastante dinheiro		,648
45-O êxito que tenho se deve ao meu esforço		,637
39-As conquistas da vida se devem ao meu esforço		,620
32-Dou-me bem na vida porque me esforço para isso		,596
48-Depende de mim conseguir o que quero		,580
43-Conseguir melhores postos de trabalho depende de minhas capacidades		,556
53-Minha vida ficará melhor se me esforçar para isso		,555
62-O que tenho conseguido em minha vida é porque o tenho procurado		,538
25-Obter um bom trabalho depende de minha garra		,496
36-Sou responsável pelo êxito que tenha no meu trabalho		,488
42-O êxito que tenho se deve às minhas habilidades		,488
16-Tenho tido bons trabalhos porque os tenho procurado		,475
14-As notas que tenho se devem ao meu esforço		,475
20-O que tenho na vida é fruto da minha luta por isso		,470
51-Se as portas se abrem para mim é porque demonstro o que sei		,447
50-Minhas notas dependem da vontade dos professores		,410
63-Mantenho meus amigos por decisão própria		,402
54-Os sucessos que tenho tido se devem as minhas decisões		,344
10-Chegar a ter dinheiro suficiente depende de mim		,342
6-O êxito que obtenha dependerá das minhas habilidades.		,335
KMO		,815
Eigenvalues	11,407	7,148
Variância explicada	20,06	16,06
Alfas de Cronbach	0,92	0,87

Em relação à escala de valores humanos, diversos estudos com amostras de universitários (Coelho, Gouveia & Milfont, 2006; Formiga & Gouveia, 2003; Gouveia, Martinez, Meira & Milfont, 2001) demonstram sua estruturação em quatro dimensões, de modo que para o presente estudo, seguiu-se o modelo proposto por Gouveia e cols. (2001). Utilizando este modelo foram realizadas análises do alfa de Cronbach. A Figura 1 apresenta a configuração utilizada neste es-

tudo e os coeficientes de fidedignidade respectivos. Conferindo os indicadores concernentes às investigações iniciais e os classificando como psicometricamente satisfatórios (todos acima de ,75), seguiram-se os procedimentos inerentes ao proposto pelo objetivo central do presente estudo, realizando assim, uma análise de correlação de *Pearson* entre as dimensões de *locus* de controle e as dimensões de valores humanos.

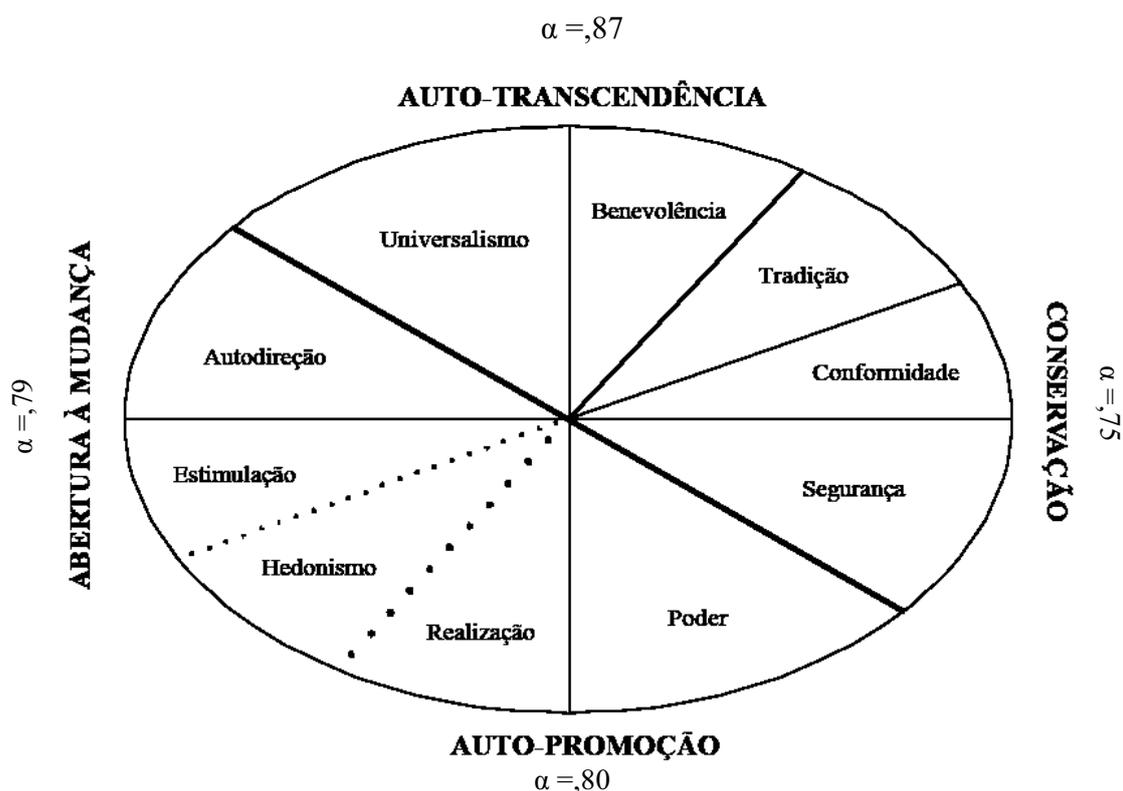


Figura 1. Estrutura dos tipos motivacionais de Schwartz (adaptado de Gouveia e cols., 2001).

O construto *locus* de controle foi analisado a partir de dois fatores: interno e externo, e o construto valores humanos a partir de quatro dimensões: abertura à mudança, autotranscendência, autopromoção e conservação. Para a confecção dos fatores, foram criados indicadores diretos de cada variável (*locus* de controle interno e externo; valores de abertura à mudança, autotranscendência, autopromoção e conservação) a partir da somatória dos itens referentes a cada dimensão.

Os resultados indicaram correlações parciais entre as variáveis (Tabela 2). A dimensão de *locus* de controle externo correlacionou-se positivamente à dimensão de autopromoção e negativamente à dimensão de autotranscendência, significando que atribuir causas

externas aos acontecimentos da vida (como Deus, destino, sorte ou outras pessoas) está intimamente associado a priorizar princípios de satisfação individual (realização, poder, hedonismo) e contrário a priorizar metas coletivistas (universalismo e benevolência). E em relação à dimensão de *locus* de controle interno, todas as quatro dimensões valorativas correlacionaram-se positivamente: autopromoção, autotranscendência, abertura à mudança e conservação, sugerindo que explicar os acontecimentos cotidianos em função de causas internas e pessoais está vinculado a todos os tipos de valores, os de ordem individualista, coletivista e os mistos.

TABELA 2  
Correlação de Pearson entre as Dimensões de *Locus* de Controle e as Dimensões de Valores Humanos

<i>Locus</i> de Controle Externo	Autopromoção ( $r = 0,199^*$ ) Conservação ( <i>Não sig.</i> ) Autotranscendência ( $r = -0,199^*$ ) Abertura à mudança ( <i>Não sig.</i> )
<i>Locus</i> de Controle Interno	Autopromoção ( $r = 0,250^*$ ) Conservação ( $r = 0,325^*$ ) Autotranscendência ( $r = 0,253^*$ ) Abertura à mudança ( $r = 0,261^*$ )

Nota: \*  $P < 0,01$ , bi-caudal

Analisando estes resultados, pode-se perceber que independentemente da ênfase atribuída ao *locus* de controle interno ou externo, os sujeitos aderem às metas valorativas de autopromoção, o que demonstra que se busca o prazer e a satisfação pessoal livre da crença de que o controle dos comportamentos e/ou acontecimentos da vida dependam mais de fontes disposicionais ou de fontes situacionais, como o acaso, destino, força divina ou de outras pessoas. Evidencia-se assim, que a busca pelo êxito muito mais presente nos indivíduos com maior *locus* de controle interno (Ferreira e cols., 2002; Guimarães & Burochovitch, 2004; Medeiros e cols., 2003;), também pode estar presente nos indivíduos que apresentam maior *locus* de controle externo (Lefcourt, 1991; Rotter, 1966). A este respeito, considerando especificamente a dimensão de *locus* de controle interno e sua associação aos quatro tipos motivacionais, pode-se sugerir que estas relações se devam ao fato de que a posse de um maior controle interno produz uma maior compreensão das motivações e habilidades pessoais, níveis de bem-estar subjetivo e boa percepção da rede de apoio social (Abbad & Menezes, 2004; Eccles e cols., 1998; Reppold & Hutz, 2003), logo a crença pessoal de “controlabilidade” dos eventos faz com que os indivíduos se sintam aptos a buscar a conquista de suas necessidades em todos os campos da vida, ao ponto de não apenas lutar por seus desejos mas também lutar pelas necessidades sociais.

Por seu turno, o porquê da dissociação entre o *locus* de controle externo e a dimensão de autotranscendência (princípios coletivistas e mistos) pode ser explicado diante dos vários achados que apontam uma grande ineficiência, daqueles que possuem um maior *locus* de controle externo, de construir laços sociais, pois atribuem o início dos relacionamentos ao acaso, não sendo necessário o esforço próprio (Nowicki & Digirolamo, citados em Noriega e cols., 2003), sendo

assim, não se sentem sujeitos atores de seu destino, são conformados, não buscam mudanças, possuem um baixo poder de autoeficácia, de motivação e de satisfação (Ferreira e cols., 2002; Guimarães & Burochovitch, 2004; Medeiros e cols., 2003).

Diante do exposto, vale ressaltar ainda que, embora se defenda a bipolaridade entre as dimensões valorativas de autopromoção *versus* autotranscendência, abertura à mudança *versus* conservação (Schwartz, 1994), o presente estudo constatou que as dimensões bipolares podem estar presentes concomitantemente em indivíduos que priorizam a crença no controle interno sobre os acontecimentos e eventos em seu contexto, revelando que estas dimensões se constituem em tipos complementares de valores, os quais são escolhidos em níveis de prioridade amplamente compartilhados pelos grupos sociais (Lima, 1997; Pereira, Camino & Da Costa, 2005; Pereira, Torres & Barros, 2004), não sendo atestado aqui o conflito entre as estruturas.

## REFERÊNCIAS

- Abbad, G., & Menezes, P. P. M. (2004). *Locus* de controle: Validação de uma escala em situação de treinamento. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 441-450.
- Alvarez, J. F. L., & Noriega, J. A. V. (2000). Bienestar subjetivo y su relación con locus de control y el enfrentamiento. *La Psicología Social en México*, 8, 192-199.
- Bandeira, M., Qualglia, M. A. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, *locus* de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 111-121.
- Campos, G. T., & Lagunes, I. R. (2000). Estructura del locus de control en México. *La Psicología Social en México*, 8, 158-164.
- Castillo, C. A., & Ramirez, R. B. (2000). Multidimensionalidad del locus de control a los 8 y 9 años de edad. *La Psicología Social en México*, 8, 114-120.

- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207.
- Coronado, E. A., & Lagunes, I. R. (2000). El enfrentamiento a los problemas y el locus de control. *La Psicología Social en México*, 8, 165-172.
- Diaz-Loving, R., & Andrade-Palos, P. (1984). Una escala de locus de control para niños mexicanos. *Revista Interamericana de Psicología*, 18(1-2), 38-50.
- Eccles, J. S., Wigfield, A., & Schiefele, U. (1998). Motivation to succeed. Em N. Eisenberg (Org.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (5ª ed.) (pp. 237-309). New York: John Wiley & Sons.
- Ferreira, M. C., Assmar, E. M. L., Omar, A. G., Delgado, H. U., González, A. T., Silva, J. M. B., de Souza, M. A., & Cisne, M. C. F. (2002). Atribuição de causalidade ao sucesso e fracasso escolar: Um estudo transcultural Brasil-Argentina-México. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3). Porto Alegre.
- Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico*, 34(2), 366-388.
- Forgas, J. P., Furnham, A., & Frey, D. (1990). Cross-national differences in attributions of wealth and economic success. *Journal of Personality and Social Psychology*, 129, 643-657.
- Gouveia, R., França, D., Da Costa, J. & Camino, L. (1997). O papel das crenças políticas no comportamento dos eleitores de João Pessoa em 1992 e 1994. Em L. Camino, L. Lhullier & S. Sandoval (Orgs.), *Estudos sobre comportamento político: Teoria e pesquisa* (pp. 107-125). Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Gouveia, V. V., Martinez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: Análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(2), 133-142.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 431-443.
- Guimarães, S. E. R., & Boruchovitch, E. (2004). O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: Uma perspectiva da teoria da autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 143-150.
- Jellison, J. M., & Green, J. (1981). A self-presentation approach to the fundamental attribution error: The norm of internality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 643-649.
- Kluckhohn, C. (1968). Los valores y las orientaciones de valor en la teoría de la acción. Em T. Parsons & E. A. Shils (Orgs.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 435-485). Buenos Aires: Kapelusz.
- La Rosa, J. (1986). Escalas de locus de control y autoconcepto: Construcción y validación. Tese de doutorado não-publicada, Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México.
- Lefcourt, H. M. (1991). Locus de control. Em J. P. Robinson, P. R. Shaver & L. S. Wrightsman (Orgs.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 413-493). San Diego, CA: Academic Press.
- Lima, M. E. (1997). Valores, participação política, atitudes face a democracia e ao autoritarismo: Uma análise da socialização política dos universitários da Paraíba. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Medeiros, P. C., Loureiro, S. R., Linhares, M. B. M., & Marturano, E. M. (2003). O senso de auto-eficácia e o comportamento para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 93-105.
- Noriega, J. A. V., Albuquerque, F. J. B., Alvarez, J. F. L., Oliveira, L. M. S., & Coronado, G. (2003). Locus de controle em uma população do nordeste brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 211-220.
- Nowicki, S., & Digirolamo, A. (1989). The association of external locus of control, nonverbal processing difficulties and emotional disturbance. *Behavioral Disorders*, 15(1), 28-34.
- Paschoal, T., & Tamayo, A. (2005). Impacto dos valores laborais e da interferência família – estresse ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 173-180.
- Pasquali, L., Alves, A., & Pereira, M. (1998). Escala de locus de controle ELCO/TELEBRÁS. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 363-378.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Barros, T. S. (2004). Sistemas de valores e atitudes democráticas de estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), 1-10.
- Pereira, C., Camino, L., & Da Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 16-25.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: Características psicossociais das mães adotivas. *Estudos de Psicologia*, 8, 25-36.
- Reyes, L. I. (1995). Género y control: Conceptualización y medición etnopsicológica. Cidade do México: CONACYT.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (1999). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, A., & Assmar, E. M. L. (2003). Influência social, atribuição de causalidade e julgamentos de responsabilidade e justiça. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 191-201.
- Rodríguez-Rosero, J. E., & Dela Coleta, M. F. (2002). Escala de locus de controle da saúde – MHLC: Estudos de validação. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 10(2), 179-184.
- Rokeach, M. (1968). Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80, 1-28.
- Rotter, J. B. (1990). Internal versus external control of reinforcement: A case history of a variable. *American Psychologist*, 45, 489-493.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Org.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). Orlando, FL: Academic Press.

- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1994). Toward a theory of the universal content and structure of values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Schwartz, S. H. (1996). Value priorities and behavior: Applying a theory of integrated value systems. Em C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Orgs.), *The psychology of values: The Ontario Symposium* (pp. 1-24). Mahwah, NJ: LEA.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1994). *Social psychology across cultures: Analysis and perspectives*. Boston, MA: Allyn and Bacon.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Souza, D. M. F., & Jesus, G. R. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. *Psico USF*, 9(2), 147-154.
- Weiner, B. (1983). Some methodological pitfalls in attributional researches. *Journal of Educational Psychology*, 75, 530-543.

Recebido: 31/05/2007  
Última revisão: 19/09/2008  
Aceite final: 10/11/2008

---

#### Sobre os autores:

**Sheyla Christine Santos Fernandes:** Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, doutoranda em Psicologia pela UFBA e Professora da Faculdade Pio Décimo e da Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: sheylacsfernandes@msn.com.

**Saulo Santos Menezes Almeida:** Psicólogo, colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social da Faculdade Pio Décimo. Endereço eletrônico: saulosma@hotmail.com.

---